

A tradição nas modernas literaturas caboverdiana e moçambicana: uma análise de *Sangue da avó, manchando a alcatifa* e *Filho és, pai serás*

Doutoranda Elisangela Aparecida da Rocha (USP/FAPESP)

Resumo:

O objetivo do presente artigo é analisar de que modo as noções de tradição e modernidade dialogam no contexto da moderna literatura africana, tendo como objetos de análise os contos “Sangue a avó manchando a alcatifa” do moçambicano Mia Couto, e “Filho és, pai serás” da caboverdiana Dina Salústio. O ponto principal por nós destacado é questionar a dualidade que perpassa esses dois conceitos, no intuito de investigar se o dualismo que os coloca em oposição é tão somente resultado de uma idéia simplificadora que se faz de ambos. Podemos dizer que, *a priori*, a oposição entre os valores modernos e tradicionais, presente nas duas narrativas, parte da polarização entre pares básicos, como campo/cidade, tecnologia/retorno a cultura popular, mais velhos/mais novos etc, caminhando para a desconstrução destes.

Palavras-Chave: Tradição, modernidade, literatura africana.

1 Introdução

Já consagrada, uma linha de interpretação sobre a modernidade busca na oposição entre tradição e modernidade o caráter fundador-constitutivo desta. No entanto, aponta-nos Sueli Saraiva da Silva (2008), os conceitos de tradicional e moderno são, muitas vezes, erroneamente pautados numa leitura dualista na qual o moderno é relacionado à Europa e o tradicional a civilizações e povos ditos primitivos, isto é, tudo que é não-europeu-ocidental. Uma abordagem mais apropriada – menos excludente e simplificadora – segundo Saraiva, deveria analisar como as esferas do tradicional e do moderno estão materializadas no contexto específico de cada sociedade. No que se refere à África, afirma, “poderíamos supor que uma 'modernidade particular' se expressaria numa chave dialética entre as crenças e costumes tradicionais e as tecnologias e modos de vida moderna, processos não mutuamente excludentes.” (p. 2)

2 A Tradição na Moderna Literatura Africana

Pode parecer um truísmo dizer da importância dessas discussões e seus efeitos tanto sobre o campo das literaturas comparadas, grosso modo, quanto sobre os estudos de literaturas africanas mais especificamente. No entanto, ainda hoje se faz necessário esta chamada a uma leitura não redutora. Ao estudarmos as literaturas africanas de língua portuguesa observamos que esta dita “modernidade particular”, isto é, esta articulação dialética entre tradição e modernidade – se é que podemos considerá-las, tanto tradição quanto modernidade, como manifestações unívocas – é constantemente problematizada, dando ensejo a novas interpretações-sínteses, as quais, apesar de precárias, tentam fugir a um esquema de oposições binárias.

Assim, podemos destacar que dentre importantes transformações teórico-metodológicas apresentadas pelo mundo moderno, a oposição entre a tradição e modernidade é um dos grandes temas. As rupturas entre esses dois conceitos se deram graças à imposição dos novos paradigmas da modernidade, os quais, quase sempre, conflitam com os ideais tradicionais.

Partindo de tais reflexões, escolhemos um conto, “Filho és, pai serás” da escritora cabo-verdiana Dina Salústio, e a crônica “Sangue da avó, manchando a alcatifa”, do escritor moçambicano Mia Couto, sobre os quais nos deteremos mais detalhadamente. Podemos dizer que, *a priori*, a oposição entre os valores modernos e tradicionais, presente nas duas narrativas, parte da polarização entre pares básicos, como campo/cidade, tecnologia/retorno a cultura popular, mais velhos/mais novos etc, caminhando para a desconstrução destes. Tanto na obra de Dina Salústio quanto na de Mia Couto a tradição se pauta nos valores que se referem à família, mais necessariamente no que se refere a suas relações.

A opção por analisar esses dois textos justifica-se por nossa procura, dentro do que Benjamim Abdala Junior chama de macrossistema literário, pelas similaridades contextuais e situacionais nas obras africanas de língua portuguesa, no caso, “imbricá-las” numa confluência que tem como ponto central o imaginário popular, materializado nos provérbios que servem como mote para escrituração, “a construção de

um texto como resultado de outros textos” (2007, p. 32)

As nações africanas, especificamente aqui nos pautamos nas de língua portuguesa, são relativamente jovens, nações que, em sua formação, estão marcadas pela ruptura com o hegemônico (Revista Claridade em Cabo Verde) o que faz com que o escritor engajado (aquele comprometido com a radicalidade literária), nas palavras de Abdala Junior busque na modernização o comprometimento com as transformações.

A modernização pressupõe rupturas que têm implicações políticas. A incorporação de nova técnica necessita de um ajuste cultural de sentido progressista. Para isso, os escritores engajados procuram aliar esse dinamismo do contato cultural externo com o que podem localizar na cultura tradicional.” (idem, p. 39)

Ao estudarmos as literaturas africanas de língua portuguesa observamos que a dualidade entre a tradição e a modernidade é uma constante. O ponto primeiro dessa dualidade parte da própria escrita. Analisando a obra de Dina Salústio e Mia Couto percebemos, em suas produções, as marcas da contemporaneidade, observadas, entre outros aspectos, pelo uso do gênero literário conto, inovações linguísticas e temas do cotidiano para retratar a realidade de modo a transformar o local em universal.

A oposição entre os valores modernos e tradicionais presente nas narrativas aqui analisadas parte de discussões polarizadas entre campo/cidade, tecnologia/retorno a cultura popular, mais velhos/mais novos e etc. Tanto na obra de Dina Salústio quanto em Mia Couto, a tradição está pautada nos valores que se referem à família, mais necessariamente às relações familiares.

O conto da escritora cabo-verdiana é emblemático na desconstrução do dualismo, anteriormente citado, de que o moderno é muitas vezes aproximado dos valores que se referem à Europa e os tradicionais ao que se refere à África, uma vez que a tradição é marcada sobretudo pela herança européia (portuguesa), materializada no provérbio citado, o qual para a narradora do conto tem uma carga ideológica extremamente repressiva.

Lembro-me que a minha mãe utilizou na nossa educação, além de uma varinha de marmelo de que fazia uso frequente, embora sem muita energia, diga-se, uma série de provérbios ditos em português que, no contexto quotidiano crioulo, adquiriam um peso e um estatuto que nos amedrontavam. (SALÚSTIO, 1994, p.19)

A língua materna cabo-verdiana é o crioulo, ou melhor, a língua caboverdiana, diante disso torna-se compreensível o sentido do peso que a língua do colonizador tem nas relações familiares em Cabo Verde, uma vez que representa a força repressiva, o outro, aquilo que é estranho.

O conto de Mia Couto, “Sangue da avó, manchando a alcatifa” trabalha igualmente o sentido do provérbio, mas numa perspectiva de desconstrução, não do conceito, mas da própria escrita. Se analisarmos o provérbio como um registro da tradição, ao desconstruí-lo, o narrador de Mia Couto nos apresenta seu horizonte pautado pela modernidade,

Siga-se o improvérbio: dá-se o braço e logo querem a mão. Afinal, quem tudo perde, tudo quer. Contarei o episódio, evitando juntar o inútil ao desagradável. Veremos, no final sem contas, que o último a melhorar é aquele que ri. (COUTO, 1993, p. 25)

Na narrativa de Dina Salústio o provérbio é apresentado como mote para ilustrar as relações familiares, quando pretendem ser repressivas, já em Mia Couto percebemos que o mesmo, sendo a negação, identificada pela uso do prefixo “*in*”, marca o tom irônico de sua narrativa. A imagem construída pelos provérbios nas culturas de língua portuguesa ilustra o poder que a linguagem tem na perpetuação dos valores tradicionais. Vejamos o que diz Adriano Duarte Rodrigues a respeito da relação dos sujeitos com a língua:

Da língua materna recebemos os modelos estruturantes da identidade individual e coletiva assim como asseguramos a coesão da cultura a que pertencemos. Esta função assegura-se a língua através da inculcação de esquemas ou de modelos nos quais nos a habituamos a distinguir e a associar os objetos do nosso mundo próprio e do mundo dos outros. (RODRIGUES, 1997, p.2)

Percebemos principalmente no conto de Dina Salústio que a máxima repetida em língua portuguesa representa o estranho, o mundo do outro e por isso mesmo “... um dos seus ditados preferidos: 'Filho és, pais serás, assim como fizeres, assim acharás' [...] me ligou sempre um certo mal estar.” (SALÚSTIO, 1994, p.19). Também pelo tom profético e de imprecisão que certos provérbios encerram. Compreensível, assim o motivo que os leva a serem desconstruídos no conto de Mia Couto.

Ainda voltando-nos para a questão da linguagem em foco nas narrativas, a modernidade se faz presente a partir da própria criação literária, Mia Couto é conhecido por suas experimentações lingüísticas e marcas de oralidade que lembram contações de histórias. Embora o papel dos griôs na África represente a tradição, a partir do momento em que Mia Couto transpõe essa função da oratura para a literatura já observamos uma tendência moderna.

O mesmo podemos analisar no conto de Dina Salústio, num tom que lembra muito mais uma crônica, a linguagem é apresentada de forma simplificada e leve, assim como o assunto tratado. Percebemos, no entanto, que para a narradora nem sempre a língua, no caso o português, no qual foi escrito o conto, teve tal leveza. Repetir o provérbio em língua portuguesa traz a marca da repressão e da violência. Novamente observamos a marca da dualidade, a qual Dina Salústio sabiamente explora, por um lado os valores tradicionais impostos pela língua do colonizador português e, por outro a própria língua sendo utilizada para questionar o tradicionalismo.

Agora procuremos nos ater às figuras dos valores tradicionais e modernos representados nas narrativas. O conto “*Sangue da avó, manchado a alcatifa.*” história da avó que vem para a cidade fugindo da guerra que se espalha pelo campo, e na cidade começa a observar o modo de vida dos filhos e netos, passa a se questionar sobre o excesso de luxo em que vivem. A televisão presente no conto é retratada como o centro dos encontros familiares e é contra essa mesma televisão que a avó Carolina se volta, num acesso de fúria diante dos desequilíbrios que observa.

O escritor moçambicano vai nos apresentar as polaridades no que se refere às relações entre campo/cidade, os jovens/mais velhos, cultura popular/ tecnologia,

principalmente quando coloca a televisão como instrumento culminante do conflito. Todo o conflito entre essas figurações se desenvolvem no interior de uma das mais tradicionais instituições, a família, a qual percebemos, pelos olhos da avó, está ameaçada.

A avó Carolina chega a Maputo trazida pela família por “razões de guerra”. Sua idade a faz merecedora de pena e respeito de todos. Observa-se a preocupação em relação aos mais velhos, um forte elemento da tradição africana.

Na chegada à cidade a avó se vê maravilhada com o estilo de vida da família, cercada pelo luxo, “A Independência, afinal, não tinha sido para se viver bem?” (COUTO, 1993, p.25) Porém, acostumada à simplicidade da vida no campo, começa a se questionar a respeito das desigualdades observadas na cidade. A sabedoria da avó Carolina a leva a analisar a situação pelos olhos dos outros, recusando-se a aceitar o conforto de modo egoísta. Por colocar a família como centro e valor intocável, sente(-se) traída ao perceber que esta não se sacrificava pela causa do povo, conforme acreditava.

Na aldeia, a velha muito elogiara a militância dos filhos citadinos, comentando os seus sacrifícios pela causa do povo. Em sua boca, família era bandeira hasteada bem no alto, onde nem poeira pode trazer mancha. Mas agora ela se inquietava olhando aquela casa empaturrada de luxos. (idem, p.26)

Para a avó Carolina o mundo está corrompido pelas marcas da modernidade e encontra na televisão a materialização dessa corrupção. A tradicional roda se formava em frente ao aparelho moderno e não mais em volta da fogueira para que se ouvissem as histórias contadas pelos mais velhos. Os ouvidos estavam ocupados pelos auscultadores e os olhos tapados com os óculos escuros. A avó então se isola recordando sua vida na aldeia. Na tentativa de aceitar a situação, fazer as vontades dos filhos e por estar “Cansada de tanta coisa que não podia explicar” (ibidem, p.26) e impedida de retornar à sua vida antiga, cede aos apelos.

A reviravolta na narrativa ocorre quando a avó se revolta contra o apagamento das tradições e se veste com a capulana e o lenço na cabeça, símbolos da cultura

tradicional moçambicana, como uma maneira de negar os novos valores que não lhe pertenciam. “Da mala de cartão retirou as consagradas capulanas, cobriu o cabelo com o lenço estampado. E juntou-se à sala, inexistindo, entre o parêntesis dos parentes.” (ibidem, p.27)

O que chama a atenção também na passagem acima é o jogo de palavras realizado pelo narrador. Carolina não fazia parte da vida atual dos parentes, ficava relegada ao plano do não essencial, entre parêntesis.

Na tentativa de restaurar o equilíbrio de um mundo corrompido a personagem, ao destruir o aparelho de televisão dando cabo aos “malditos”, retoma a sua posição (re)estabelecendo a comunicação com a família: “Carolina monumentara-se, acrescida de muitos tamanhos.” (ibidem, p. 27). Para o historiador francês Jacques Le Goff (1994) o termo monumento, originado do termo *monere* - fazer recordar, avisar, instruir, iluminar - mostra, em seu sentido, o objetivo de perpetuar recordações, o legado da memória coletiva, o qual a avó pretende manter vivo.

Quando Carolina retorna para o campo, a família retoma sua vida, mas as marcas deixadas pela avó tornam-se impossíveis de serem apagadas. Seu sangue permanece continuamente manchando o tapete e nenhuma das tentativas de apagá-lo se mostra eficaz. Os tempos se cruzam, mesmo a vida seguindo as tendências impostas pela modernidade as marcas da tradição, materializadas pelas “gotas antiquíssimas”, representam o sangue da terra que se recusa a parar de brotar. Enquanto a tradição, representada por Carolina, perde apenas algumas gotas de sangue, que permanecem manchando o tapete, a modernidade, representada pela televisão, é reduzida a um amontado de cacos que são varridos instantaneamente. Ou seja, avó Carolina mantém-se intacta. Ao analisar o sentido do nome Carolina “árvore de madeira nobre [...] cujas folhas, cascas e sementes possuem propriedades medicinais.”¹, ou ainda, “aquela que é forte”, perguntamo-nos se a escolha foi proposital para a construção do sentido curativo da tradição.

O tom irônico presente no início do conto, quando o narrador procura

¹ Dicionário eletrônico Houaiss.

desconstruir os provérbios populares, também pode ser observado no final da narrativa quando a família, caracterizada pela modernidade e fuga dos valores tradicionais, se volta religiosamente para a cultura tradicional de seu país, ao recorrer aos poderes espirituais de um feiticheiro para apagar as marcas deixadas pela avó.

A narrativa de Mia Couto nos faz refletir a respeito de um outro texto também africano de língua portuguesa, o conto Vovô Bartolomeu, do angolano Antonio Jacinto, que discute o respeito aos mais velho, mas a juventude com o papel de romper com o estado de coisas que tem que ser superando em favor do futuro. Mia Couto diferentemente levanta o aspecto do desrespeito aventado em favor do futuro, no pensamento de vovó Carolina.

Nosso segundo exemplo, o conto “Filho és, pai serás” de Dina Salústio, é uma narrativa a respeito das relações entre mãe e filhos, as mudanças de valores da sociedade moderna. Diferente do que ocorre no conto de Mia Couto, no qual o conflito alcança o extremo, na narrativa da escritora cabo-verdiana o conflito não chega ao enfrentamento.

Nele é narrado a história de uma filha, que recebe um telefonema de sua mãe e esta, ironicamente, sugere que a filha se esqueceria o dia das mães, no dia seguinte. Ao final da ligação a mãe lança mão de um provérbio que amedrontava a filha na infância, “Filho és, pai serás, assim como fizeres, assim acharás”. Mal terminada a conversa com a mãe a filha recebe outro telefonema, agora de seu filho mais velho, o qual ligara justamente para parabenizá-la pelo dia das mães. Ainda sob o efeito das palavras “proféticas” da mãe, a filha, precisando de “vingança”, liga para o outro filho.

Eu precisava de uma vingança urgente e liguei para outro filho e, sem diplomacia da minha velhota, iniciei logo um discurso em que entravam ingratidão e coisas parecidas, sem lhe dar hipótese de defesa, por não me ter dado os parabéns, num dia tão importante para a raça humana e não só se calhar. (SALÚSTIO, 1994, p.20)

Ao se ver vencida pelas palavras do filho de que tal data seria somente mais uma estratégia da sociedade de consumo, recita o mesmo provérbio que lhe causava mal estar. Após desligar o filho, confuso, liga novamente questionando a respeito do que a

mãe falara, pois tivera o provérbio o mesmo efeito sobre ele. A situação se resolve em meio a gargalhadas e com a promessa de que a máxima “Filho és, pai serás, assim como fizeres, assim acharás” não seria mais repetida. “Ao desligar, pediu-me: por favor, não volte a dizer aquela do ‘Filhos é, pais serás’. É que me sabe a praga” (idem, p.20)

As personagens envolvidas no enredo não têm nome, o que nos faz compreender que tal situação pode ser universal, as relações ali representadas poderiam ocorrer a qualquer família dividida entre as tradições familiares e os valores modernos. A filha representa justamente o ponto de transição entre o moderno e o tradicional e denuncia isso quando estranha a atitude da mãe, mas cobra a mesma atitude, reclamada de si, de seu filho.

Um acontecimento aparentemente corriqueiro, desperta em nós uma reflexão a respeito das relações familiares, constantemente em conflito, neste caso materializadas pelas posturas das diferentes gerações.

No artigo da professora Simone Caputo Gomes, *A mulher lê a realidade: escritura de autoria feminina em Cabo Verde*, encontramos a reflexão a respeito da realidade retratada pelas autoras femininas que,

...vêm pintando verdadeiros óleos sobre tela: mulheres com paisagens ao fundo ou paisagens com mulheres ao fundo, propiciando, a partir dos deslocamentos produzidos pelo feminismo, a assunção de temas que falam das próprias mulheres (prostituição, bruxaria, loucura, aborto, lesbianismo, entre outros), que contam as sua história e que nos permitem reconhecer as origens de crenças e práticas sociais...²

“Entre outros” podemos destacar ainda o “ser mãe” e a “organização familiar”. Com isso, ainda de acordo com Simone Caputo Gomes, podemos “rastrear as marcas da Cultura e da História...” nos produções femininas cabo-verdianas.

Conclusão

As duas narrativas aqui analisadas têm uma estrutura circular. Ao se pautarem

pelo retrato de fatores sociais, familiares, religiosos e etc. demonstram que tais valores estão em eterno movimento de retorno. No conto de Dina Salústio a filha se volta à infância para refletir sobre as relações presentes em sua família e as atitudes de sua mãe, para repensar sua própria postura como mãe. E a avó Carolina, mesmo sendo lembrada pelos netos como desequilibrada, mostra que é à terra que todos sempre retornam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO, Mia. “Sangue da avó, manchando a alcatifa.” In: *Cronicando*. Lisboa: Caminho, 1993.

GOMES, Simone Caputo. “Mulher com paisagem ao fundo: Dina Salústio apresenta Cabo Verde”. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo, SALGADO, Maria Teresa. *África e Brasil: Letras em Laços*. São Caetano do Sul: Yendis, 2006.

_____. A mulher lê a realidade: Escritura de autoria feminina em Cabo Verde. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/livros/aladaa/caputo.rtf>. Acessado em 15 de Novembro de 2008.

HOUAISS. *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Editora Objetiva. Dezembro de 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Irene Ferreira. 4. ed. Campinas/SP: Unicamp, 1994.

RODRIGUES, Adriano. *Tradição e Modernidade*, publicado em 1997. [Disponível na internet via http://www.bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-tradicao-modernidade.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-tradicao-modernidade.pdf). Arquivo consultado em 15 de novembro de 2008.

SALÚSTIO, Dina. “Filhos és, pai serás.” In: *Mornas eram as noites*. Praia: Instituto Cabovediano do livro e do disco, 1994.

SARAIVA, Sueli. *Mais-velhos e mais-novos na modernidade das literaturas africanas*. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/eventos/simelp/new/pdf/slt31/07.pdf>. Arquivo consultado em 20 de novembro de 2008.